

## **Desenredos**

**Vinicius Bandera**

Renato sentiu que Amaro estava inquieto por todo o tempo em que a festa se desenrolava. Havia mais ou menos umas cinquenta pessoas no pequeno recinto. A maioria era de crianças, pois estava sendo comemorado o aniversário de uma delas, a qual Roberto não conhecia. Este ali se encontrava como convidado de uma colega de trabalho, que, por um motivo qualquer, acabara por não comparecer. De modo que Roberto via-se isolado, sozinho, sem ninguém conhecer. Queria ir embora, mas a porta da entrada sempre fechada. Pensava a todo momento em dar uma desculpa para sair, mas logo aparecia uma pessoa para entretê-lo, um garçom para servi-lo, alguém para anunciar ou propor algo a todo o grupo. A sua situação era por demais insustentável. Foi quando viu Amaro chamar Renato a um canto para perguntar quem era o cara que estava com sua ex-mulher. Renato não soube explicar. Sequer a conhecia. Conversavam e Amaro apontava para o casal que ria descontraidamente, aparentando uma singular felicidade. Isto deixava Amaro visivelmente irritado. Parecia que esta era a intenção de sua ex-mulher. Ela sentia que era alvo de um ciúme raivoso. Roberto dava-se conta de tudo sem querer, pois Amaro e Renato postaram-se um pouco à sua frente e, logo ao fundo, estavam a ex-mulher e o seu novo parceiro. A Roberto parecia que a qualquer momento Amaro iria ter com o casal, motivando um pugilato que certamente levaria a festa a um destino bem diferente do que fora planejado. Roberto percebia que a intenção da ex-mulher era a de provocar o ex-marido. Ela abraçava seu acompanhante, beijava-o na boca e, em determinado momento, tirou-o para dançar, agarradinhos, ao som de uma música infantil que sugeria muito mais saltos e gritos do que uma dança romântica. Alguém

anunciou, com muita alegria, que seria cantado o parabéns para a jovem aniversariante, que se postava a seu lado. A menina aparentava uns dez anos. Estava toda radiante com aquela confraternização em sua homenagem. Seus pais se aproximaram para ladeá-la. Várias outras pessoas se aproximaram

para prestigiar o momento mais solene da festa. A agitação tomou conta da grande maioria das pessoas: uns chamavam outros, pediam silêncio, mais e mais pessoas vinham para cantar parabéns. Amaro e Renato continuavam à parte. Quando a ex-mulher do primeiro passou por eles toda efusiva, de mãos dadas com o seu atual, o qual parecia ser um inocente útil nas intenções de sua parceira. Roberto pensou que a ocasião era por demais propícia para ele sair de fininho, pois todos, talvez à exceção de Amaro, estavam voltados para o cantar parabéns que estava para acontecer. Lentamente, ele se foi esgueirando em direção à porta de saída. Estava sendo mais fácil do que pensara. De repente... É preciso ressaltar que muitas coisas que nos são importantes acontecem de repente. De repente, ele deu de olhos com aquela moça, a qual ainda não tinha visto. Era ela, só podia ser. E ela o fitava de uma maneira tal que parecia não deixar margens a dúvidas. Era ela. Mas não podia ser... E o tempo? Vinte e dois anos mexem com qualquer pessoa. Ela não podia continuar a mesma. O mesmo ar singelo, o mesmo penteado, aquele corpo, a boca, os olhos, o olhar, o sorriso... E por que o fitava de maneira tão intensa, como a envolver-se no mesmo espanto, admiração e desejo? “E eu?, perguntou-se. Por que estou vinte e dois anos mais velho, com a pele um tanto quanto áspera e um significativo percentual de cabelos brancos? Ela não mudou uma vírgula, como será possível?” As pessoas começaram a cantar parabéns. A aniversariante ocupou o centro das atenções. Inclusive, colocaram-na sobre uma cadeira para que, assim, todos a vissem de qualquer

parte da sala. O acompanhante da ex-mulher de Amaro não estava mais junto dela. Provavelmente fora ao banheiro. Amaro aproveitou o ensejo para colocar-se a poucos centímetros dela. Ela o ignorava, o que o deixava ainda mais irritado. Mais do que isto: desprezava-o. Era demais para quem se corroia de ciúmes.

- Deixe de ser vulgar! Não vê que está se comportando como uma qualquer?

- Eu? O senhor está falando comigo?

- Ora, sua cínica!

Alegremente ela se pôs a bater palmas e cantar o mais alto possível, justamente quando todos repetiam desbragadamente o refrão da música. Tomado de cólera, ele partiu para agredi-la, quando Renato o conteve, abraçou-o e o levou para um canto, fazendo-o sentar-se em uma poltrona, postando-se à sua frente, de modo a impedir que se levantasse. Renato falava coisas que Roberto percebia serem conselhos para persuadir o amigo a se acalmar. Vez ou outra, ela olhava para o ex com ar de provocação. Isto o irritava sobremaneira. Por duas vezes, ele tentou levantar-se, mas novamente foi contido por Renato, a quem ele pediu uma bebida forte. Renato chamou um garçom, pois sabia que se ele mesmo fosse pegar a bebida poderia voltar e encontrar o circo pegando fogo. A criançada se divertia a valer, animada por seus pais, que eram pura felicidade. Formou-se um trenzinho, ao qual grande parte dos presentes aderiu, juntando crianças e adultos. Roberto a tudo observava, mas o que ele queria ver mesmo não conseguia. “Onde ela está?” Seu olhar perscrutava todo o ambiente, como aquele aparelho que os médicos introduzem garganta abaixo para observarem tudo por uma telinha semelhante à de uma televisão. Ela não estava na sala, o que o fez, sorrateiramente, percorrer os outros ambientes da casa. Chegou a ir ao quarto

do casal dono da casa. Havia uma varanda; ele foi lá. Depois ao quarto da empregada, que o flagrou com um olhar de reprovação, além da pergunta clássica: o senhor deseja alguma coisa? Em nenhum lugar ela estava. Quem sabe tivesse feito o mesmo que ele: tenha também se locomovido pelos cômodos ao mesmo tempo, daí o desencontro? Mas não seria possível; a casa não era grande, pelo contrário. Tratava-se de um apartamento de dois quartos, uma sala, banheiro, cozinha e dependências de empregada. E se ela tivesse ido embora enquanto ele a buscava? Era a hipótese mais lógica que lhe tomava a mente. Perfeitamente viável. E se estivesse em alguma parte da casa naquele momento? Considerou esta hipótese bastante plausível e voltou a buscá-la pelos cômodos; dessa vez tendo a preocupação de sempre retornar aos mesmos lugares por onde passara. Novamente ouviu a mesma pergunta da empregada, em um tom menos ofensivo, até sensual, ainda mais pelo fato dela

encontrar-se apenas de calcinha, talvez por ter esperado a sua volta. O desespero da busca era tão grande que ele nem notou a malícia da empregada, ou pelo menos não a priorizou naquele momento. Sentiu o mesmo constrangimento de antes, balbuciou um pedido de desculpas e partiu rapidamente. Novamente na sala, posicionou-se no mesmo canto em que estivera desde que ali chegara. O trenzinho já se desfizera e as crianças brincavam de pegar varetas no chão. Faziam a maior algazarra, o que o deixava deveras irritado. Bastavam-lhe uns cinco passos para deixar aquele ambiente para sempre, sem despedir-se de ninguém, sem dar satisfações; afinal ele era um estranho para toda aquela gente, e vice-versa. Pensou que no dia seguinte daria uma reprimenda na Cíntia, a colega de trabalho que o convidara para estar ali e, por um motivo qualquer, não comparecera, deixando-o sozinho, com aquela sensação de abandono, um verdadeiro mal-estar. “Poderia ao menos ter-me telefonado”, pensava, olhando para o seu

celular. Tomou-o na mão e verificou que estava em perfeitas condições, pronto para receber qualquer chamada. “Amanhã ela vai ter que me explicar tudo direitinho. Espero que tenha uma boa desculpa”. Por algumas vezes, ele pensou que Cíntia pudesse estar interessada nele, mas ela nunca ultrapassava os limites, nunca se declarara, o que o fazia pensar também que tudo não passava de um mal-entendido seu. Ele não tinha maiores interesses por ela, mas se fosse o caso de fazerem sexo sem compromisso ele não se faria de rogado. No entanto, a iniciativa deveria partir dela. Foi quando já se iniciava para ir de encontro à porta que a avistou de novo. O curioso é que ela não estava sozinha. Conversava com um rapaz de sua faixa etária. Semelhante àqueles tempos de faculdade, quando a conhecera, isto é, vinte e dois anos atrás. Quando sorria aparecia a mesma covinha no centro da face. “Não pode ser, o tempo passa para todo mundo! Por que não passaria para ela?” O rapaz tocou em seu rosto. À distância, Roberto entendeu que ele fez referência, apologética é claro, à sua covinha. Ela sentiu-se envaidecida e sorriu. Era um sorriso que jamais se transformava em risada, nunca ia além de uma boca entreaberta. Na verdade, eram os olhos que sorriam, a boca apenas os acompanhava. “Se é ela mesmo, por que não me reconheceu desde o primeiro momento? Por que não me cumprimentou? Por que não me cumprimenta agora em que os nossos olhares se encontram? Olha-me como quem olha um estranho”. Nesse momento o corpo do atual da ex de Amaro caiu pesadamente ao chão, derrubando a mesa e algumas cadeiras, após ter sido atingido por um violento soco. Amaro ainda desferiu um pontapé, que não chegou a atingir o seu alvo. O homem, mesmo caído, agarrou-o pela perna, derrubando-o. Os dois rolaram pelo chão, agarrando-se, socando-se. A ex intrometeu-se tentando apartar a briga, até que foi atingida por um tapa de Amaro. Os homens da casa trataram de separar os dois contendores, levando cada um para um lado. Algumas mulheres gritavam, outras retiravam as crianças para longe. Acontecera o que já estava anunciado desde o início.

Amaro jamais se conformara com a separação. O seu instinto violento o levou a agredir o namorado de sua ex-mulher. Renato insistia em tirá-lo do ambiente, puxando-o pelo braço em direção à porta de saída. Sua ex-mulher fazia o contrário: ela própria queria brigar com Amaro, no que era contida pelo seu namorado, que a segurava por detrás e, por isto, já havia levado uma cotovelada no rosto. Ela gritava, proferia improperios, palavras de baixo calão, inclusive fazendo referências jocosas ao desempenho sexual de Amaro. Este, ainda mais enfurecido, teve que ser contido por quatro ou cinco homens, além de Renato. Seus olhos brilhavam de raiva, parecia babar. Uma mulher gritava, mandando os brigões saírem. Parecia ser a dona da casa. A confusão fez Roberto perdê-la novamente de vista. Mais uma vez, ele a buscou por toda a casa, a exceção do quarto da empregada. Dessa vez, pode procurar mais minuciosamente, pois todo mundo estava envolvido com a briga. Ao voltar à sala, Amaro estava sendo levado à força para fora do apartamento, enquanto sua ex-mulher continuava xingando-o, cada vez mais desesperada. Roberto aproveitou a ocasião para abandonar o recinto, descendo rapidamente pelas escadas. Difícil mesmo foi colocar Amaro dentro do elevador.